

Diploma não é garantia

Mariana Branco

Há cada vez mais jovens do Distrito Federal ingressando e obtendo diploma em instituições de Ensino Superior, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas em Educação Anísio Teixeira (Inep). Faculdades e universidades também existem em número cada vez maior, o que aumenta a oferta de cursos e vagas. A má notícia é que o mercado de trabalho não está conseguindo absorver essa mão-de-obra. Em julho de 2000, 8% dos jovens formados e com idade entre 20 a 25 anos — 945 de 11.777 — não conseguiam encontrar trabalho. Em julho deste ano, 18,5% da população nessa faixa etária com diploma no Ensino Superior — 4.480 de 24,3 mil — estavam sem emprego.

Para se ter uma idéia, o Inep mostra que, em 2000, houve 67.250 matrículas no Ensino Superior no DF, e 6.832 formandos. Em 2005, último ano com números fechados, já eram 115.840 matrículas e 21.489 formandos. O número de faculdades no período, por sua vez, foi de 40 para 68. O salto na quantidade de matrículas entre 2000 e 2005 foi de 72,2%, e, no número de concluintes, de 214,5%. A quantidade de instituições de Ensino Superior, por sua vez, cresceu 70%.

Para Jorge Pinho, professor do Departamento de Administração de Empresas da Universidade de Brasília (UnB) e especialista em Recursos Humanos, Marketing e Estratégia, essa dura realidade pode ser atribuída, em parte, à saturação do mercado de trabalho, ausência de crescimento econômico — um problema nacional — e a algumas características peculiares do DF, como forte pre-

Algumas áreas saturadas

Antônio Ibarra, do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), coordenador da Pesquisa Emprego e Desemprego (PED), também atribui a situação ao mercado saturado, principalmente em algumas áreas, como Administração de Empresas e Direito, campeãs no número de formandos a cada ano. Juntos, os dois cursos foram responsáveis por 26,9% dos profissionais que entraram no mercado de trabalho do Distrito Federal em 2005, com 2.935 e 2.852 concluintes, respectivamente.

"Com o número reduzido de vagas de trabalho, os salários baixam. Muitos jovens com nível superior não querem trabalhar pelas quantias oferecidas. Isso faz com que eles se voltem para os concursos", analisa Ibarra, que concorda com Jorge Pinho no sentido de que algumas características de Brasília — como a presença tímida da iniciativa privada — contribuem para uma

18,5
POR CENTO

DA POPULAÇÃO
BRASILENSE COM
IDADE ENTRE 20 E 25
ANOS, COM DIPLOMA
NO ENSINO
SUPERIOR, ESTAVA
SEM EMPREGO
EM JULHO

sença do setor público e poucas indústrias e iniciativa privada.

De acordo com o especialista, entretanto, é necessário não esquecer a proliferação de instituições de Ensino Superior em todo o País. O fenômeno, segundo Pinho, seria o responsável pela formação de profissionais mal-preparados.

Chave do paraíso

"O jovem pensa que o diploma é a chave do paraíso. Mas ele deve conscientizar-se de que tão importante quanto fazer um curso superior, é fazê-lo em uma boa instituição", pondera, acrescentando que é preciso colocar um freio no que chama de "mercantilização do ensino". "Por mais que o mercado esteja difícil, alunos meus, da UnB, passam uma média de seis meses procurando emprego e acabam se inserindo", comenta.

A solução para fazer face ao desemprego, na avaliação do especialista, seria promover maior qualidade do ensino e investir na geração de postos de trabalho via desenvolvimento econômico, na medida em que isso for possível, em uma região como o DF, que tem muitas restrições ambientais, reconhece.

oferta de emprego limitada.

O Ministério da Educação (MEC), no entanto, não tem uma visão tão negativa da situação. Ronaldo Mota, titular da Secretaria de Ensino Superior (Sesu), diz que políticas públicas como o Programa Universidade para Todos (ProUni) contribuíram para melhorar o acesso dos jovens às universidades, o que teria resultado na maior quantidade de estudantes e concluintes em todo o território nacional.

"Sem querer confrontar os dados do Dieese, informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) indicam, salvo engano, diminuição de desemprego para pessoas com curso superior, independentemente da idade. O que é um indicador de que curso superior é, sim, fator de empregabilidade. Educação abre oportunidades, educação superior abre mais ainda", declarou. Apesar da declaração, nenhum estatística foi apresentada.



MARIA CRISTINA, 23 ANOS, JAMAIS CONSEGUIU ATUAR NA ÁREA PARA A QUAL ESTUDOU

Esperança nos concursos

RICARDO MARQUES

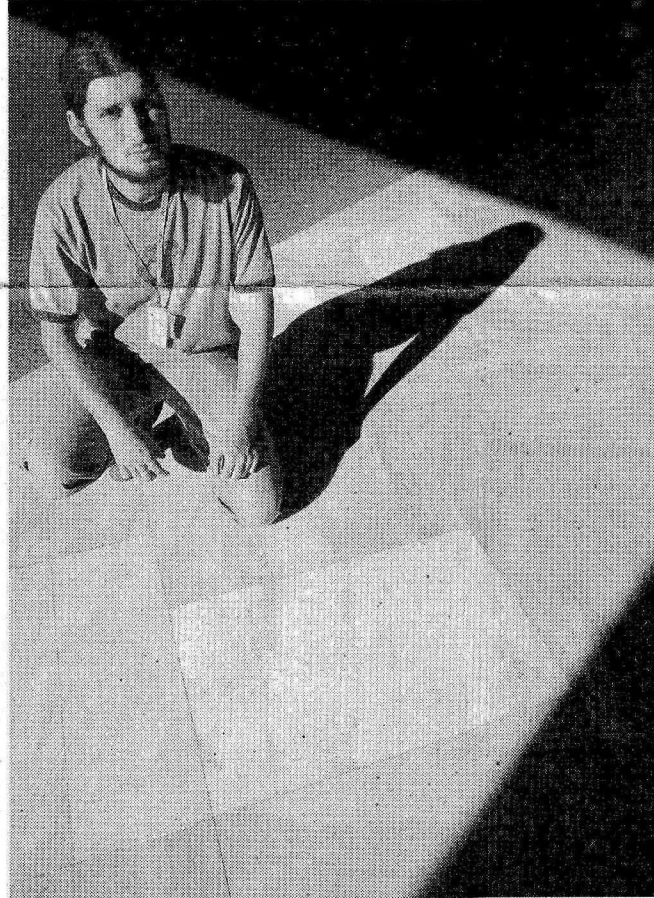
Pedro Paulo Madeira, 25 anos, é formado em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB) desde o final de 2006. Ele conta que a escolha do curso foi guiada tanto por suas preferências quanto pela racionalidade. "Cogitei fazer História, mas tive medo do mercado restrito. Escolhi uma área também ligada ao conhecimento e que me atraía", conta.

Hoje, Pedro, que começou a distribuir currículos dois meses antes da formatura e, depois dela, passou seis meses desempregado, é consultor de um projeto do Ministério das Relações Exteriores (MRE), mas a vaga é temporária: são só cinco meses de trabalho garantido.

Terminado este prazo, o rapaz quer se dedicar a prestar concursos públicos. "Já estou estudando para o da Prefeitura de Águas Lindas, que tem vaga em biblioteconomia", conta ele, que afirma preferir processos seletivos na sua área de formação, mas ressalta que, na decisão final, o que contará mesmo será a estabilidade. "Na iniciativa privada você ganha mais, mas é mais difícil encontrar emprego e não é uma situação estável. Prefiro trabalhar na minha área, mas não vou prestar concursos só para ela", diz.

Fora da área

A jovem Maria Cristina Gonçalves Puljiz, 23 anos, vive uma situação ainda mais difícil do que a de Pedro. Formada há cerca de um ano em Relações Internacionais



PEDRO PAULO CONSEGUIU UMA VAGA TEMPORÁRIA

pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (Iesb), ela jamais conseguiu atuar na área do conhecimento na qual tem formação.

"Fiz porque era o curso da moda, mas não imaginei que o mercado era tão restrito. Para piorar, em todas as vagas exigem fluência em francês e inglês. Estudei durante a faculdade para me virar, mas não sou fluente", conta a garota que agora também pretende se voltar para os concursos e planeja se formar em Direito, já que

os processos seletivos para a área oferecem os melhores salários.

Para ir se mantendo enquanto isso, Cristina está trabalhando em uma função nada atraente para quem fez curso superior sonhando com um futuro melhor: é atendente de uma auto-escola em Sobradinho. "É temporário. O que eu queria mesmo era passar em um concurso mais fácil agora, para poder pagar o curso de Direito, e depois prestar concurso", diz ela.

Desemprego tem alta de 2,1% no DF

Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) mostra que em agosto, o número de desempregados no Distrito Federal cresceu 2,1% em relação ao mês de julho, totalizando 232,2 mil pessoas. Embora a taxa de desemprego tenha apresentado crescimento, na comparação com julho, o índice apurado (18,1%) é o menor dos últimos dez anos para o mês de agosto.

De janeiro a agosto de 2007 foram gerados 20,5 mil novos postos de trabalho na economia do Distrito Federal. Resultado considerado positivo e bastante relevante se comparado ao mesmo período do ano passado, quando foram registrados apenas 300 novos postos.

O quantitativo de ocupados, estimados em um milhão de trabalhadores em julho, manteve relativa estabilidade, com redução de apenas 0,1%, passando a contabilizar 1.054,2 mil em agosto de 2007. Esse desempenho negativo, deve-se, em grande parte, à retração ocorrida no setor de serviços. Em agosto, foram eliminadas 5,4 mil postos no setor. Os ramos de serviços que mais demitiram foram: Transporte e Armazenagem (-7,1%); Oficinas de Reparação Mecânica (-5,3%) e Serviços Creditícios e Financeiros (-4,7%).

Expectativa de melhora

Muito embora o contingente total de ocupados tenha apresentado redução, a tendência para os próximos meses é de crescimento do nível ocupacional, considerando que a construção civil começa a demonstrar sinais de expansão, impulsionada pelo grande volume de obras realizadas GDF, segundo os pesquisadores.

A indústria de transformação também apresenta sinais de aquecimento para atender a dinâmica de consumo de final de ano. Segundo a secretária de Desenvolvimento Social e Trabalho, Eliana Pedrosa, a partir de setembro, tanto o comércio quanto a indústria deverão expandir seu quadro de pessoal com o início das contratações de fim de ano. Segundo o Sindivarejista, serão abertas cinco mil novas ocupações.

Outro fator de destaque da PED/DF de agosto 2007 é a redução do número de crianças trabalhando. "Estamos investindo em ações para conter o trabalho infantil. Na pesquisa foi mostrado que 800 crianças, de 10 a 15 anos, somente este mês deixaram as ruas, refletindo a mesma tendência de julho. Uma triste realidade que vem sendo melhorada a cada mês", ressalta a secretária Eliana Pedrosa.

Nas demais regiões metropolitanas onde a PED é calculada o desemprego teve redução em Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre, manteve-se estável em São Paulo e aumentou em Salvador.